

Escola privada e universidade pública

Roberto A. Salmeron

Como citar: SALMERON, Roberto A. Escola privada e universidade pública. *In:* LOUREIRO, Isabel; DEL-MASSO, Maria Candida (org.). **Tempos de greve na Universidade Pública**. Marília: Oficina Universitária, 2001. p. 3-9. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-20-4.p3-9>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

ESCOLA PRIVADA E UNIVERSIDADE PÚBLICA

Roberto A. SALMERON¹

O sistema de educação que um país adota representa a imagem que ele faz do seu futuro.

A universidade pública vem sendo defendida por seus docentes, quanto às condições de trabalho, salários, pesquisa científica, e ameaça de que os estudos passem a ser pagos. Muito já se tem escrito a respeito deste assunto, mas ele está longe de ser esgotado; devemos continuar a defendê-la, pois se trata de nossas aspirações culturais. Uma das tarefas importantes ao tratarmos deste problema é a de promover o diálogo, indispensável ao progresso.

A ampliação das universidades públicas não acompanhou o aumento da população, nem a conscientização de camadas cada vez mais amplas da população de que as crianças e os jovens terão melhor futuro se estudarem. A procura por cursos superiores tornou então a criação de universidades privadas um processo inevitável. Relativamente às universidades públicas, as escolas superiores privadas no Brasil tiveram nos últimos anos uma expansão situada entre as maiores do mundo, suas matrículas abrangendo mais do que 60% dos estudantes.

A questão importante que se impõe é de saber o papel que desempenham essas universidades para o futuro do país. Devemos nos precaver contra mitos que foram criados em críticas formuladas às universidades públicas, ou em defesa das privadas, com afirmações superficiais ou inverídicas, sobretudo quando são feitas comparações com outros países.

Está havendo no âmbito internacional enorme pressão para a privatização do ensino em todos os níveis, primário,

¹ Diretor de Pesquisa Emérito do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS); Físico do Laboratoire de Physique Nucléaire des Hautes Energies - École Polytechnique de Paris.

secundário e superior. Essa pressão já está oficializada na Organização Mundial do Comércio (OMC), há 6 anos, desde 1994, com a assinatura de um *acordo geral para o comércio de serviços*. A inclusão de serviços no âmbito da OMC foi mais um abuso dos países fortes, que passaram a exigir a definição do que deve ser considerado *serviço*. O fato extremamente grave é que a educação passou a ser considerada serviço, ao mesmo nível dos serviços prestados pelas empresas comerciais. E a OMC se dá o direito de negociar medidas para eliminar os obstáculos ao livre acesso ao mercado de serviços, entre eles, evidentemente, a educação.

Respaldados pela OMC, círculos financeiros dos Estados Unidos querem implantar universidades norte-americanas privadas, pagas, em outros países, inclusive na Europa. A educação visada por esses financistas é o que se pode chamar *a educação para a empresa*, isto é, a formação somente de profissionais, o que significa educação de pequeno alcance, na qual a formação do cidadão consciente não é cogitada. Nem mencionam eles universidades como as que nós queremos para as nossas, com atividade em ensino e em criação intelectual em todos os campos, letras, artes, ciências humanas, ciências naturais e exatas.

Universidades privadas

As universidades privadas no Brasil tornaram-se elemento influente no sistema de educação, porque têm uma das maiores porcentagens de alunos de ensino superior matriculados em escolas pagas no mundo. Elas foram criadas e estruturadas de acordo com as condições do país, satisfazendo, portanto, a uma demanda local. Apesar do seu aspecto interno, elas se enquadram num processo internacional de pressão pela privatização do ensino. O exame da função dessas universidades é então importante, porque elas estão penetrando na estrutura do ensino de um modo que não pode ser ignorado.

O capital internacional lançou-se à conquista de dois domínios que qualquer governo democrático evoluído tem de

considerar seus domínios prioritários, a saúde e a educação. Essa obrigação dos governos foi identificada já há muito tempo. Era uma das aspirações dos que fizeram a Revolução Francesa há mais de dois séculos, sendo célebre a frase de Danton, um dos seus líderes: *depois do pão, a maior necessidade de um povo é a educação.*

Saúde e educação representam importantes fontes de comércio, entre as maiores do mundo. A alta dose de privatização da saúde é bem conhecida no Brasil, onde se estabeleceu uma medicina de classe social. Certos tipos de tratamento, assim como a urgência de tratamento, são inacessíveis para grande parte da população. A privatização do ensino tem conseqüências mais sutis e mais variadas, que vão desde o preço da educação até a formação do cidadão consciente e a preservação da nossa cultura.

Há, indiscutivelmente, profundas diferenças entre as finalidades a que se destinam as universidades públicas e as privadas no Brasil. A não ser poucas honrosas exceções, as universidades privadas são empresas comerciais visando o lucro econômico e dedicam-se exclusivamente à formação profissional dos estudantes, sem preocupação com a formação do cidadão consciente, com o alargamento das bases culturais que fazem nossa identidade como povo.

Os estudos nas universidades privadas são caros, e os seus objetivos econômicos ficam às vezes evidentes quando projetos são lançados por pessoas alheias ao meio cultural dos professores e alheias aos problemas do ensino. Gostaria de citar um exemplo.

Um de meus amigos, professor de universidades públicas durante toda a sua vida, com experiência profissional e produção intelectual inovadora comprovadas, foi convidado por um grupo de financistas para organizar a estrutura de uma nova universidade privada. Trabalhou com seriedade dois anos, investigando, viajando, discutindo, trocando idéias. Quando julgou que seus planos estivessem suficientemente maduros, apresentou-os aos futuros proprietários, com minuciosa exposição, salientando as atividades que previra em vários setores de diferentes formações profissionais. Foi interrompido, para grande surpresa sua, mais ou menos com as

seguintes palavras: *professor, os detalhes dos planos que o senhor fez não nos interessam, nós queremos saber qual será o lucro anual.* Esta história é verídica.

As perspectivas do ensino pago são preocupantes em nível mundial, porque este será em pouco tempo um dos maiores negócios, de centenas de bilhões de dólares por ano, tão importante ou mais, por exemplo, quanto a indústria de fabricação de automóveis.

A UNESCO fez uma estimativa do negócio que a educação representaria se fosse paga por todos os alunos do mundo nos vários níveis do ensino, primário, secundário e superior, utilizando os valores reais das anuidades cobradas atualmente. Concluiu que o montante seria a quantia fabulosa de 2000 bilhões de dólares por ano. A hipótese de que todos os alunos, de todos os países, pagariam não é realista. Mas se 10 por cento dos alunos estudassem em escolas pagas, o que não nos parece uma hipótese absurda, o montante seria de 200 bilhões de dólares por ano, que não deixa de ser uma quantia fabulosa, superior ao orçamento da maioria dos países. Essas são as perspectivas de um ensino privado no mundo.

O avanço do ensino pago preocupa os dirigentes da UNESCO, cuja vocação é estimular o ensino e a cultura. No número de novembro de 2000, a Revista da UNESCO trata deste assunto, e revela dados numéricos importantes a respeito de tendências já conhecidas. Contém um artigo dedicado às escolas privadas brasileiras, algumas citadas nominalmente e apresentadas como potências no ensino em nosso país, com número de estudantes comparáveis aos das universidades públicas, e possuidoras de orçamentos colossais. Essas escolas e universidades pagas têm um sistema de publicidade baseado num verdadeiro sistema de *relações públicas*, por exemplo oferecendo bolsas de estudos a bons alunos (o que em si é louvável, mas é apresentado com destaque publicitário), e mantendo certas atividades sociais envolvendo até as famílias. Sem perceber que tais atividades são de segunda ordem na educação de uma pessoa jovem, há famílias que as consideram

importantes e as descrevem com elogios. Mas não se vêem palavras sobre atividades intelectuais criadoras, ou de preocupação pela nossa cultura e pelos nossos problemas.

Como já foi dito por pessoas que se dedicam a este assunto, *as escolas de ensino superior pago no Brasil se apoderaram do nome universidade*, quando na verdade têm pouca semelhança com universidades como nós as concebemos.

Entre os problemas do ensino pago, o governo brasileiro terá de enfrentar dois novos desafios, que já estão preocupando responsáveis do Ministério da Educação: cursos de pós-graduação e ensino à distância.

Os cursos de pós-graduação são ministrados fundamentalmente nas universidades públicas, com poucas exceções, e são financiados por órgãos governamentais, como a CAPES, o CNPq e Fundações de Amparo à Pesquisa de alguns Estados. O nível desses cursos no país é desigual. Um problema novo que surgiu é que universidades privadas querem iniciar também cursos de pós-graduação. Portanto, vão competir com as universidades públicas na obtenção de verbas que provêm daquelas instituições oficiais. Sabemos que cursos de pós-graduação se justificam somente em instituições nas quais há pesquisa. Além da competição na obtenção de verbas, quais as universidades privadas que têm condições para ministrar esses cursos em associação com a pesquisa? Se o governo não agir com a mais absoluta firmeza, para impedir que escape ao controle, isto poderá colocar em perigo o sistema de pós-graduação no país, que tem sido um dos mais extensos e mais eficientes entre os países do Terceiro Mundo.

A busca de lucros econômicos pelos investidores não tem limites. Outro assunto perigoso é a existência de aberrações, que se intitulam universidades e dão cursos à distância, pela internet. O aluno tem a obrigação de assistir a pouquíssimas horas de curso por semana (cerca de meio dia), e recebe depois um diploma universitário. Já há no Brasil a possibilidade de se fazerem os chamados *cursos universitários à distância*, matriculando-se em escolas desse tipo existentes nos Estados Unidos. O Ministério da Educação

precisa ser firme e não reconhecer esses diplomas como legais, pois é evidente que se forem legalizados haverá uma banalização de títulos que poderá afetar o sistema universitário.

Já tem sido assinalado, por pessoas diferentes e em várias ocasiões, que circulam às vezes dados errôneos relativos ao ensino, que não têm nada a ver com a realidade, mas em torno dos quais se formaram mitos enganadores. Um dos mitos divulgados no Brasil é relativo ao ensino nos Estados Unidos. Como existem lá algumas universidades privadas de grande prestígio, bastante conhecidas, há a crença de que o ensino é pago ou majoritariamente pago, o que não é verdade; somente um quarto da verba total no ensino provém de escolas privadas, três quartos provém do governo. A Revista da UNESCO já citada apresenta a porcentagem do montante gasto com escolas privadas, pagas, em relação ao total gasto com o ensino, em diversos países. A Coréia do Sul tem a maior porcentagem, 40 por cento. Vêm em seguida os Estados Unidos, a Grécia, o Japão e a Austrália, com cerca de 25 por cento. Os países nos quais as verbas gastas em escolas privadas são as menores são os europeus; por exemplo, a Áustria e a Bélgica 8 por cento, a Dinamarca 5, a Itália 4, a Suécia 2. Na França não há universidades privadas, todas elas são públicas e gratuitas; no ensino primário e secundário há algumas escolas privadas, quase todas da Igreja Católica, parcialmente financiadas pelo governo, em geral nos salários dos professores, o que absorve 8 por cento do dispêndio total com o ensino nesse nível.

Universidades públicas

Ainda temos muito que fazer pelas nossas universidades públicas. Mas se olharmos para a história, vemos que um grande progresso foi realizado, porque nossas universidades são recentes, quando comparadas com as seculares européias e até algumas norte-americanas que já têm mais de dois séculos. Depois de algumas tentativas modestas, a primeira universidade que se confirmou e se consolidou foi a de São Paulo, fundada em 1934, portanto recentemente, abrangendo unicamente duas gerações. Alguns dos

seus primeiros estudantes e dos seus primeiros professores ainda estão vivos e exercendo atividades intelectuais.

Depois da Universidade de São Paulo, uma centena de universidades públicas foi fundada no país, no intervalo de apenas 60 anos ou menos. Isso representa esforço colossal. Todas são radicalmente inseridas no meio social, influenciadas por esse meio e exercendo grande influência sobre ele. As escolas de medicina, engenharia, odontologia, direito, ciências e letras de nossas universidades públicas são elementos importantes da sociedade, têm participação ativa ao mesmo tempo no impulso ao nosso progresso e na nossa identidade cultural como povo.

A mentalidade cultivada em nossas universidades públicas é completamente diferente da mentalidade das universidades privadas, a não ser, repetimos, algumas honrosas exceções destas. São as universidades públicas que mantêm os ideais dos seus fundadores e de eminentes educadores, de aliar o ensino a atividades criadoras nos diversos campos, de ensino vivo, ensino que olha para o futuro e não somente para o passado. São as universidades públicas que têm a possibilidade de manter nossas aspirações culturais e de criar condições de trabalho intelectual criador para os jovens das gerações futuras, indispensáveis ao progresso.

Nos países culturalmente avançados as universidades são permanentemente analisadas para poderem acompanhar as transformações da sociedade e influírem sobre o seu progresso. Estamos presenciando na Europa uma atividade importante de reformulação de universidades, devido à criação da União Européia, que dará aos universitários ocasião de trabalharem em países diferentes. Cada país está interessado em manter o que as suas universidades têm de melhor, e podemos ter certeza de que esse intercâmbio elevará ainda mais o nível das universidades européias, que já é alto.

No Brasil, temos de continuar trabalhando para aprimorar nossas universidades públicas, cujo progresso é em grande parte devido aos esforços dos professores. A luta travada pelos seus docentes é luta pelo futuro.